

# **CONIC-SEMESP** 13º Congresso Nacional de Iniciação Científica

Anais do Conic-Semesp. Volume 1, 2013 - Faculdade Anhanguera de Campinas - Unidade 3. ISSN 2357-8904

**TÍTULO:** CONSTRUÇÕES SEMÂNTICAS E IDEOLÓGICAS PRESENTES EM UMA OBRA MUSICAL DO PERÍODO DITATORIAL

**CATEGORIA:** CONCLUÍDO

**ÁREA:** CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**SUBÁREA:** LETRAS

**INSTITUIÇÃO:** UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

**AUTOR(ES):** PAULO HENRIQUE GONÇALVES OLIVEIRA DA SILVA

**ORIENTADOR(ES):** ELISA GUIMARÃES PINTO

Realização:



Apoio:



## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar, em primeiro plano, as dimensões do texto e do discurso, bem como a ideologia presente na obra musical escolhida para análise – situada no período ditatorial brasileiro (1964-1985). A pesquisa tem como ponto de partida a contextualização, base fundamental para o entendimento dos discursos e das ideologias da época. O entendimento do posicionamento dos governantes e dos órgãos de censura do período será explicado no decorrer da análise. O *corpus* escolhido esclarece a maneira de pensar dos censuradores – o que permite a quem os lê entender a ideologia por trás de seus atos. Verifica-se que Chico Buarque enfrentou oposição do regime ditatorial por usar palavras e expressões que davam a entender que ele estava atacando os ideais ditatoriais. A partir da análise, tornou-se evidente o esforço do artista em não serem entendido em primeira instância. Através do uso de figuras de linguagem ou até mesmo de palavras que remetiam ao contexto do período, o compositor, embora, possivelmente, mal interpretado, pôde passar a mensagem desejada, mesmo que por um curto período de tempo. Outros compositores do período viram suas canções serem vetadas, porque o governo via nelas um ataque aos ideais de um país perfeito que eles almejavam construir. Sendo assim, o trabalho em questão mostrará como o texto pode carregar em si não só um aglomerado de palavras e sentenças, mas também, a ideologia e a intencionalidade discursiva do enunciador.

## INTRODUÇÃO

Nenhuma produção humana é gratuita. Até mesmo a sua linguagem carrega valores sociais e ideológicos que são responsáveis por estabelecer as relações de comunicação entre os humanos. Sobre a interação verbal entre os usuários da língua, Ronaldo de Oliveira Batista (BATISTA, 2012, p. 26, 27) em seu livro *Introdução à pragmática – A linguagem e seu uso* diz que existe interação quando há “uma troca dialógica, isto é, uma interação entre emissor e receptor”. Tal afirmação leva à conclusão de que, quando se fala, espera-se que o outro, o receptor, também produza sentidos que o levarão a responder ao enunciado.

O objeto fundamental, portanto, desta pesquisa, é a análise de uma obra musical censurada da época: “Roda Viva”, de autoria de Chico Buarque. A escolha pela análise dessa canção se deu pelo fato de existir uma riqueza ideológica muito grande da época em que essa obra foi composta. Essas ideologias envolviam a

rejeição ao governo ou ao comportamento da população diante de seus abusos. Apesar de se tratar de uma música censurada, ainda conseguiu repercussão breve no contexto da época. O motivo pelo qual isso ocorreu envolve aspectos semânticos tanto das sentenças que compunham as músicas quanto lexicais, que por vezes não eram entendidos facilmente pelo avaliador/censurador. Fez-se necessário, então, identificar a carga semântica das sentenças ou das palavras entendidas pelos examinadores, como também a intenção do compositor ao escrevê-las. Centralizaram-se, então, em torno desses dois interesses – estudo do léxico e exame da ideologia, sem abandonar os estudos pragmáticos e contextuais – os rumos que o trabalho procurou alcançar.

## **OBJETIVOS**

É através das interações humanas que se concretizam os textos, objetos de nossos estudos. O trabalho, aqui proposto, teve o objetivo de analisar, nas dimensões textuais e discursivas, a obra musical “Roda Viva”, composta em uma época que marcou a história do Brasil, a ditadura militar (1964 -1985). Por meio dessa análise, buscou-se entender aspectos semânticos e ideológicos que fizeram com que algumas das obras musicais da época fossem censuradas, incluindo a canção em questão.

O artigo busca explicar e identificar aspectos que ultrapassam as questões textuais, enxergando neles um reflexo da realidade. A partir dessas considerações, propôs-se como problema de pesquisa a questão que indaga sobre o maior ou menor grau de comprometimento entre a letra da canção e sua repercussão no contexto social.

## **METODOLOGIA**

O método que foi empregado na formação do artigo buscou, por meio de textos teóricos, a explicação da ideologia presente bem como a construção semântica – aspectos que envolvem não somente a sentença, mas também o léxico – na composição, já citada, do período ditatorial. Muitas músicas nesse período da história foram alvo de censura, porém para uma pesquisa mais profunda e detalhada do assunto, optou-se focalizar a atenção nessa.

Dentre os pontos teóricos, nos quais o trabalho se centralizou, foi de grande importância o estudo do contexto. Visto que estudar e analisar o discurso envolve sempre o uso da linguagem não se pôde abandonar o estudo pragmático. É nesse

campo que o contexto surge. Analisar como ele pode mudar o ponto de vista em todas as situações humanas foi de ajuda para o entendimento das ideologias presentes. Por esse motivo, como o trabalho se centralizou em um período específico da História, nesse caso, o período ditatorial, entender o que se passou na época é de suma importância.

Portanto, pode-se dizer que, em termos gerais, a formação do trabalho de iniciação científica buscou, primeiramente, levantar algumas canções do período e estabelecer qual delas seria analisada. Feito isso, o estudo da pragmática e do contexto em suas formas teóricas colaborou para a aplicabilidade do conteúdo ao contexto histórico da época. Por fim, os estudos semânticos e ideológicos foram realizados, contribuindo, assim, para a análise composicional das músicas em questão.

## **DESENVOLVIMENTO**

Para que haja comunicação é preciso interação por meio dos usuários da língua, ou seja, é necessário o uso de textos e, conseqüentemente de discursos que fazem do texto seu refratário. A palavra “texto”, que possui raiz etimológica na palavra *texere*, proveniente do latim e que significa tecer, é resultado de uma unidade temática, um formato e um contexto, aos quais os dois primeiros são inseridos, dando, desta forma, significado a eles, de acordo com Teun Van Dijk (1980, p. 18 *apud* GUIMARÃES, Elisa, 2009, p. 12). A unidade temática é, portanto, responsável por estabelecer um tema, ou seja, apresentar uma informação tomada como conhecida e, desenvolvê-la mediante a apresentação de novas informações, ou seja, o rema. O formato do texto é dado tanto por intermédio dos tipos e gêneros textuais quanto por meio de unidades formadoras chamadas macroestruturas e microestruturas. A respeito da tipologia textual, pode-se dizer que ela estabelece uma organização que carrega consigo um objetivo específico (narrar, descrever e argumentar, por exemplo) e, quanto aos gêneros textuais, encontram-se no âmbito da “construção composicional”, como expõe Bakhtin, ou seja, são responsáveis por submeter a organização textual às ocorrências de ordem social que se verificam também nas diversas maneiras de comunicação.

Além do formato textual mediante a utilização dos tipos e gêneros textuais, ainda se pode discutir o assunto levando-o para o ambiente micro e macroestrutural. Pode-se compreender a microestrutura como responsável pelos elementos de coesão do

texto, aqueles que dão atenção às ligações estabelecidas entre os elementos dele. Relacionado a isso, há o entendimento do porquê a origem latina para a palavra texto, *texere*, é tão apropriada. Visto que o significado da palavra remete à ideia de tecer, entende-se que ao produzir um texto, escolhem-se a todo o momento, dentro do paradigma da língua, palavras agrupadas de forma a tornar o texto harmonioso, organizado e bem construído ou tecido. A macroestrutura refere-se à coerência que o texto deve apresentar. Tal coerência deve, portanto, trabalhar juntamente com a coesão para que o texto se torne claro e atinja o seu objetivo. A coerência é um aspecto que envolve não apenas o enunciador, mas também o enunciatário. A esse respeito, pode-se dizer então que, para que haja a interação, o enunciador deve levar em conta as características do seu enunciatário, visto que ambos são produtores de sentido.

Embora se tenha falado sobre as unidades estruturantes do texto, ainda há uma que não se encontra no texto propriamente dito: o contexto. A questão da contextualização é de extrema importância, pois o contexto gera a comunicação no sentido de que somente por meio dele é que se podem entender as relações existentes entre os usuários da língua e os objetivos pelos quais eles escolhem determinados enunciados ou maneiras de dizer. Conforme Teun Van Dijk fala em seu livro *Discurso e contexto – uma abordagem sociocognitiva*, “a contextualização é um componente fundamental de nosso entendimento da conduta humana, em geral, e da literatura e outros textos e discursos, em particular. Na verdade, os *con-textos* são assim chamados porque, etimologicamente, eles vêm *junto* com os “textos” (2012, p. 21). Não se poderia analisar corretamente a intencionalidade e a ideologia presentes nas obras musicais escolhidas sem uma base histórica que explicasse as condições de produção dos textos. É impossível analisar o discurso e a intencionalidade dos textos sem os contextos, pois um anda ao lado do outro no processo comunicativo.

Quando se fala sobre discurso, há a ideia de que ele se materializa no texto, porém, ele existe mesmo que não se efetue essa materialização. Entretanto, algumas características podem ser percebidas e analisadas quando ele se materializa, como por exemplo, a posição social, cultural e política do falante. É por isso que Elisa Guimarães, em seu livro já citado diz que “é próprio do discurso privilegiar a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua – o que

é, como vimos, característica do texto” (2009, p.89). No discurso, busca-se entender as relações exteriores do texto, bem como a maneira em que este será recebido por parte do enunciatário, produzindo nele alguma reação.

Outra característica dos discursos é o fato de que eles estão em constante conversa com outros discursos (interdiscursividade), assim como os textos e a questão da intertextualidade. De acordo com os estudos de Bakhtin a respeito do dialogismo, pode-se entender que a formação de um discurso não se dá apenas com a voz daquele que o produziu no momento, mas podemos dizer que ele o (re)produziu, pois um conjunto de outras vozes já se faziam presentes no seu discurso.

Há, portanto, diferentes tipos de discursos. A título de exemplificação, pode-se falar sobre o discurso político, racista, autoritário. Cada discurso é responsável por carregar sua ideologia e possui sua maneira de se comportar. Neste trabalho, serão analisados os aspectos de dois tipos discursivos: o autoritário, quando se fizer referência aos militares da ditadura, e o de protesto, quando as canções ou os artistas que as produziram estiverem em questão. O que se pode concluir até aqui é que texto e discurso andam juntos e que, ambos estabelecem a comunicação ou a interação entre os participantes do ato da fala. À medida que se produz um texto, há a construção de relações entre os usuários, referente aos efeitos de sentido produzidos entre eles. Trata-se de relações que geram nos usuários a oportunidade de resposta aos textos. Ao mesmo tempo, são utilizados mecanismos textuais para se fazer entender e alcançar os objetivos comunicativos.

Assim como os textos, os discursos também possuem maneiras de se organizar. A respeito disso, pode-se atribuir à organização discursiva dois campos fundamentais: o sintático e o semântico. Sobre a organização sintática ou a sintaxe discursiva, como nomeia José Luiz Fiorin em seu livro *Linguagem e Ideologia* (2007, p. 17-19), conclui-se que são as estratégias discursivas conscientes, ou seja, a estruturação que espera produzir no enunciatário reações ou impressões. Dentro, ainda, da sintaxe discursiva, pode-se comentar a respeito da instauração dos dêiticos que revelam intenções diferentes, dependendo da escolha dos usuários da língua. Por exemplo, os chamados dêiticos enunciativos (eu - tu - agora) geram no enunciatário efeitos de sentido de proximidade e subjetividade, enquanto os dêiticos enuncivos (ele - ali - então) produzem efeitos contrários, de distanciamento e objetividade. No

processo comunicativo, cada um desses recursos possui seu lugar e, a utilização de um ou de outro depende da real intenção dos usuários da língua.

Quando se fala a respeito de semântica discursiva, diz-se que essa é influenciada pelo meio social e a época em que o discurso foi produzido. Isso ocorre porque cada época possui temas, ideias e discursos diferentes abordados pelas pessoas, que satisfazem, portanto, suas necessidades comunicativas. A semântica discursiva em combinação com a sintaxe discursiva produz noções de dominação, sujeição, indução e manipulação, que por sua vez, formam o conceito de ideologia nas relações humanas.

O conceito de ideologia surgiu com Marx a partir de suas reflexões sobre o trabalho, os trabalhadores e o salário. "A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. [...] diz-se que ela é determinada, em última instância, pelo nível econômico." (FIORIN, 2007, p. 30) Do ponto de vista ideológico, portanto, entende-se que em todas as relações, apresentam-se as ideias de duas classes, a do dominante e a do dominado. Mesmo que os que são explorados reivindiquem ou lutem pelos seus direitos, ainda assim, a ideologia que prevalecerá será a da classe dominante.

## **RESULTADOS**

"Roda Viva" foi uma canção criada no ano de 1967 por Chico Buarque. A música compunha o repertório da peça teatral que levava o mesmo nome da composição. Uma curiosidade a respeito da peça é que ela não tinha cunho político, porém, "na noite de 17 de julho, a organização paramilitar CCC (Comando de Caça aos Comunistas) invadiu e depredou o teatro, destruiu o cenário e espancou violentamente os atores". (HOMEM, 2009, p. 55) Após esse ato de extrema violência, outro episódio semelhante ocorreu em Porto Alegre, pondo um fim à peça. Chico acredita que a intenção dos militares era atacar outra peça que estava em cartaz na mesma noite, que atacava o sistema ditatorial, entretanto, como a peça em questão já havia terminado, eles resolveram não perder a viagem e atacar "Roda Viva".

"A peça criticava a situação do artista, esmagado pela mídia" (PINHEIRO, 2011, p. 59). Como já mencionado, a música a ser analisada foi criada para o espetáculo, porém, há vários pontos dela que podem ter indicado uma crítica à ditadura e à

censura. A indicação do sentimento do eu-lírico da música como uma pessoa que "se sente como quem partiu ou morreu", pode ter sido entendida pelos avaliadores como alguém que teve seus sentimentos e opiniões reprimidos pelo governo e que, dessa maneira, encontrava-se morto, estático e sem emoções. Nos versos seguintes, há a provável indicação de que o mundo pode ter crescido de maneira a deixar o Brasil para trás. Os quatro últimos versos da primeira estrofe, que precedem o refrão, apresentam a vontade de um povo, quando se faz uso da expressão "a gente", indicação do pronome "nós" inclusivo. Diz-se que o povo "quer ter voz ativa" e no próprio destino mandar. Havia, portanto, a insatisfação da população que vivia debaixo de regras absurdas e repressões violentas, sem poder expressar seus desejos e vontades.

No mesmo momento em que se diz querer ter voz ativa, há o aparecimento da "roda-viva", que carrega o destino de cada brasileiro para o lugar que ela estipula. O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* define o termo roda-viva como andar em grande azáfama, movimento contínuo. "Azáfama" pode significar, por sua vez, muita pressa ou, até mesmo, falta de ordem, confusão. A escolha do título da música, portanto, em si só já carrega o significado de um sistema que atropela qualquer coisa que esteja impedindo o seu caminho ou que vá de encontro aos seus ideais, mas, ao mesmo tempo, pode indicar que o governo vivia em constante confusão, bagunça.

O movimento intenso expresso no refrão da canção mostra como a chegada da ditadura e, principalmente, da instauração dos órgãos de censura, intensificados pela criação do Ato Institucional de número cinco - o AI-5 - pegou a população de surpresa. Além disso, não se sabia, muitas das vezes, o porquê de algumas leis ou atos repressores. O tempo, portanto, havia rodado num instante, como que em um piscar de olhos.

A segunda estrofe apresenta o posicionamento de alguns que, sem temer as represálias do governo, andavam contra a corrente até não poder resistir, ou seja, contra a ideologia dominante. A "roseira" mencionada na música pode ser entendida como os sentimentos dentro da pessoa, que foi cultivada, mas que sofreu as ações negativas da ditadura, cortando a roseira ou os sentimentos das pessoas.

A terceira estrofe começa apresentando um ponto de vista totalmente disfórico em relação aos acontecimentos. Diz-se nessa estrofe: "a roda da saia, a mulata não



quer mais rodar (...) Não posso fazer serenata, a roda de samba acabou (...)". Todos esses versos mostram como o governo proibia e inibia a opinião pública e os comportamentos que iam de encontro aos ideais militares, que, conforme eles próprios, colaborariam para a formação de um Brasil melhor. Mesmo quando se tentava agir para mudar a situação do país, ou quando se tentava apresentar a voz do povo, ou seja, quando a iniciativa era tomada, a roda-viva, ou o sistema ditatorial, com seu movimento desenfreado levava tudo embora.

A última estrofe mostra o final que o samba, a roseira e a viola - elementos que simbolizavam os sentimentos da população, a liberdade esperada e a própria voz, por muitas vezes silenciada - tiveram. Todos eles acabaram na fogueira e, até mesmo a saudade que se encontra no peito não encontra espaço no cenário conturbado e agitado promovido pela ditadura.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das considerações feitas por intermédio deste trabalho de iniciação científica, pôde-se concluir que os textos servem de instrumento comunicacional das pessoas. Cada produção, seja ela escrita, oral, imagética ou até mesmo sincrética, apresenta-se no mundo com um objetivo, uma intenção, que pode ser o de simplesmente informar, descrever, narrar algo até fornecer instruções, argumentar, influenciar e persuadir alguém. Todas as manifestações que envolvem a interação entre as pessoas, instaurando, portanto, um enunciador e um enunciatário, ambos capazes de produzir textos e dialogar com base em seus próprios pensamentos e ideias, resultam na formação de uma sociedade que faz uso da comunicação para agir no mundo.

O tema escolhido para a pesquisa - as canções do período ditatorial brasileiro (1964-1985) - revela que o contexto situacional é de grande importância quando se deseja analisar um discurso histórico. As relações de poder que os falantes da língua exercem sobre outros nem sempre são apresentadas no momento exato de produção dos textos. Em muitos casos, para se entender essas relações, faz-se necessário o estudo do contexto.

A união das construções textuais, com base nos princípios básicos de coesão e coerência, com o contexto de criação dos enunciados, produz os efeitos de sentido dos textos. Tais efeitos, que podem determinar relações de objetividade,

subjetividade, distanciamento, opressão, bem como sentimentos de liberdade, além de outros, são responsáveis por exprimir as ideologias que os textos carregam.

Este trabalho apresentou dois posicionamentos ideológicos: de um lado o governo ditatorial, com sua visão fechada a respeito do progresso e da ordem, e de outro a população oprimida, que sofria nas mãos dos ataques repressores da ditadura. Os ideais ditatoriais não permitiam que a opinião pública fosse manifestada, pois tinham medo de que essas opiniões influenciassem o modo de pensar da população e, dessa forma, o país não conseguisse encontrar as melhorias esperadas. Acreditavam, portanto, que ninguém além deles podia propor soluções para os problemas do Brasil. Esse pensamento foi responsável pela criação de um órgão de censura no país, o qual causou muitos problemas, principalmente para os artistas que, por meio de sua música, protestavam contra o governo e as decisões tomadas por ele.

Sobre a carga lexical e as relações semânticas observadas nas canções, pôde-se concluir que os compositores da época tiveram de usar de criatividade para conseguir escapar das ameaças de censura. O uso de palavras ambíguas ou com significados, muitas vezes, de difícil compreensão eram estratégias recorrentes e eficazes, pois nem sempre os avaliadores/censuradores conseguiam captar o real objetivo daquilo que havia sido escrito. Havia, portanto, a intenção, num primeiro momento, em não ser compreendido. Além do caráter ambíguo de algumas palavras específicas no conteúdo das canções, foi possível constatar que palavras soltas, fora de um contexto, não são capazes de estabelecer relações interativas entre os falantes, assim como se faz necessário que as palavras estejam inseridas dentro de um texto para que o discurso e a ideologia sejam materializados.

Em resumo, muito se pode discorrer a respeito dos textos, dos discursos e das ideologias presentes no mundo. Para não ser enganado por si próprio ou pela manifestação linguística de outro, é preciso que se busque o entendimento da intencionalidade discursiva de cada usuário da língua. Nem sempre o que se diz apresenta o significado básico da sentença ou do texto. Muitas vezes, faz-se necessário entender o que há por trás do texto para que se consiga o pleno entendimento dele e das intenções das pessoas.

## **FONTES CONSULTADAS**

- ALMEIDA, Claudio Aguiar. *Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968*. São Paulo: Atual, 1996.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à pragmática - A linguagem e seu uso*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira & GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres. *Linguagem, comunicação, ação - Introdução à Língua Portuguesa*. São Paulo: Avercamp, 2012.
- BEDIN, Maria Camila. *Aspectos linguístico-discursivos nas composições de Chico Buarque de Hollanda*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin - Conceitos-chave*. São Paulo: Conexto, 2012.
- DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto - Uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Texto e discurso - Confluências*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.
- FICO, Carlos. *O regime militar no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- HOMEM, Wagner. *Chico Buarque - Histórias de canções*. São Paulo: Leya, 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- NAVARRO, Pedro. *O discurso nos domínios da linguagem e da história*. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.
- PINHEIRO, Manu. *Cale-se - A MPB e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Livros Limitados, 2011.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PROTTA, Felipe Pupo Pereira. *O trabalho com a canção no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.
- ZAPPA, Regina. *Para seguir minha jornada - Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.